



DANÇAS E CANTARES

DA BEIRA BAIXA



SÁBADO — DIA 25 DE JUNHO

1977

ORGANIZAÇÃO E DIRECÇÃO

DE

Ernesto Pinto Lobo
Carlos Dias Gama

PROGRAMA GERAL

INTRODUÇÃO

BOMBOS DE ALMACEDA

I PARTE

ORFEÃO DA COVILHÃ

ORFEÃO DE CASTELO BRANCO

II PARTE

RANCHO FOLCLÓRICO DE MONSANTO

EUGENIA LIMA

RANCHO FOLCLÓRICO DE SILVARES

III PARTE

ORQUESTRA TÍPICA ALBICASTRENSE

FINAL

TODOS OS AGRUPAMENTOS

I P A R T E

- COLETINHO..... Paúl - Joel Canhão
- EH LÁ! EH LÁ!..... Ópera "Serrana" de Alfredo Keil
- MARIA DA CONCEIÇÃO.. Monsanto da Beira-Lopes Graça
- DESCARRADA Serrana de Alfredo Keil
- MILHO DA NOSSA TERRA Fundão - Lopes Graça
- CANTIGA VIRADA Perais - José Geada
- FOLGAR! FOLGAR! Serrana de Alfredo Keil

ORFEÃO DA COVILHÃ
Maestro: José Geada

- 1- A TILIA Schubert - Carlos Gama
- 2- CORO DOS CAÇADORES.. Weber - Sampayo Ribeiro
- 3- CANÇÃO ASTURIANA.... Astúrias - Sampayo Ribeiro
- 4- VIRA Popular portuguesa-S.Ribeiro
- 5- DIGO DAI Paúl - Joel Canhão
- 6- RAPARIGA TOLA Monsanto da Beira-S.Ribeiro
- 7- ROMARIAS DA IDANHA.. Idanha-a-Nova - Carlos Gama

- a) Sra da Graça
- b) Sra do Almotão (versão antiga)
- c) Sra do Almotão (versão actual)

ORFEÃO DE CASTELO BRANCO
Maestro: Carlos Gama

- 1- VA PENSIERO..... Nabuco - Verdi
Ao Piano: Maria Vitória Pires
- 2- HALLELUJAH Messias - Haendel
Ao Piano: Maria do Carmo Gomes

II P A R T E

- 1- SENHORA DO ALMOTÃO - canção de romarias
- 2- MARGAÇA - "Balhar a Dirêto"
- 3- VELHINHA - canção
- 4- MORENINHA - jogo de roda
- 5- Ó QUE NOITE TÃO ESCURA - canção do pa
- 6- VIRA DO CORAÇÃO - jogo de roda
- 7- Ó...Ó...Ó... - canção do berço
- 8- SENHOR DA SERRA - moda de balhar

RANCHO FOLCLORICO DE MONSANTO
Direcção: Augusto Rocha

Actuação de EUGÉNIA LIMA

- 1- DANÇA DAS ROMARIAS DA BEIRA
- 2- FALEI CONTIGO
- 3- FARRAPEIRA
- 4- AGORA É QUE EU VOU AO CENTRO
- 5- ADEUS Ó SERRA DA ESTRELA
- 6- RASGA
- 7- SALOIO E DANÇA DA TRANCA
- 8- SANTA LUZIA

RANCHO FOLCLORICO DE SILVARES
Direcção: Ilda Valentim Mesquita

- ENTRUDO..... Malpica do Tejo-Carlos Gama
Solista: José Carrega
- MEU BENZINHO..... Monsanto da Beira-S.Chamusca
Maria da Saudade-Ernesto Lobo
- FANTASIA FOLCLORICA Carlos Gama (Sobre a canção
"Rapariga Tola" de Monsanto)
- AZEITONA GALEGUINHA Aranhas - Carlos Gama
Ana Maria
- SENHORA DO ALMOTÃO. Idanha-a-Nova - Carlos Gama
Manuel da Ascensão
- RAPSODIA Nº3 Sobre vários temas populares
da Beira Baixa
- MARIA DA CONCEIÇÃO. Monsanto da Beira-S.Chamusca
Maria Isaura - José Rocha
- CHAPEU PRETO..... Beira Baixa - Carlos Gama
Maria da Saudade
- MARIA FAIA..... Malpica do Tejo - Carlos Gama
Ernesto Lobo
- SAUDADES DA BEIRA.. Malpica do Tejo - A. de Carvalho
José Carrega

ORQUESTRA TIPICA ALBICASTRENSE
Maestro: Carlos Gama

SENHORA DA POVOA... Vale da Sra da Póvoa-Carlos Gama

BOMBOS DE ALMACEDA
ORQUESTRA TIPICA ALBICASTRENSE
RANCHO FOLCLORICO DE MONSANTO
RANCHO FOLCLORICO DE SILVARES
ORFEÃO DE CASTELO BRANCO
ORFEÃO DA COVILHÃ
Maestro: Carlos Gama

BOMBOS DE ALMACEDA



Cantiga bailada cantada com adufe na Romaria de Nossa Senhora da Póvoa.



Ve-nho da si - bel - va no - va, De bal - xo do la - ran : já - li.



Já ci - le - vo u - ma fo - - li - nha, De - bal - xo do a - ven - tid - li

ORFEÃO DA COVILHÃ

Novembro
FOI em 16 de ~~maio~~ de 1926 que o Orfeão da Covilhã se apresentou pela primeira vez em público com um coro de cerca de 300 vozes. Tal iniciativa ficou a dever-se

a uma Comissão Organizadora de que faziam parte o Maestro António Rodrigues Gomes, José Rosa de Almeida, Ricardo Prata, César Godinho e Manuel Augusto da Costa, estes dois últimos felizmente ainda vivos.

Rapidamente o Orfeão somou êxitos, subindo a uma posição alta na escala artística nacional, o que o levou a peregrinar por terras de Portugal e estrangeiro.

Apesar desta escalada gloriosa, o Orfeão da Covilhã quase se extinguiu, por cerca de uma dezena de anos, para reaparecer, em 1947, sob os esforços do Maestro António Nobre.

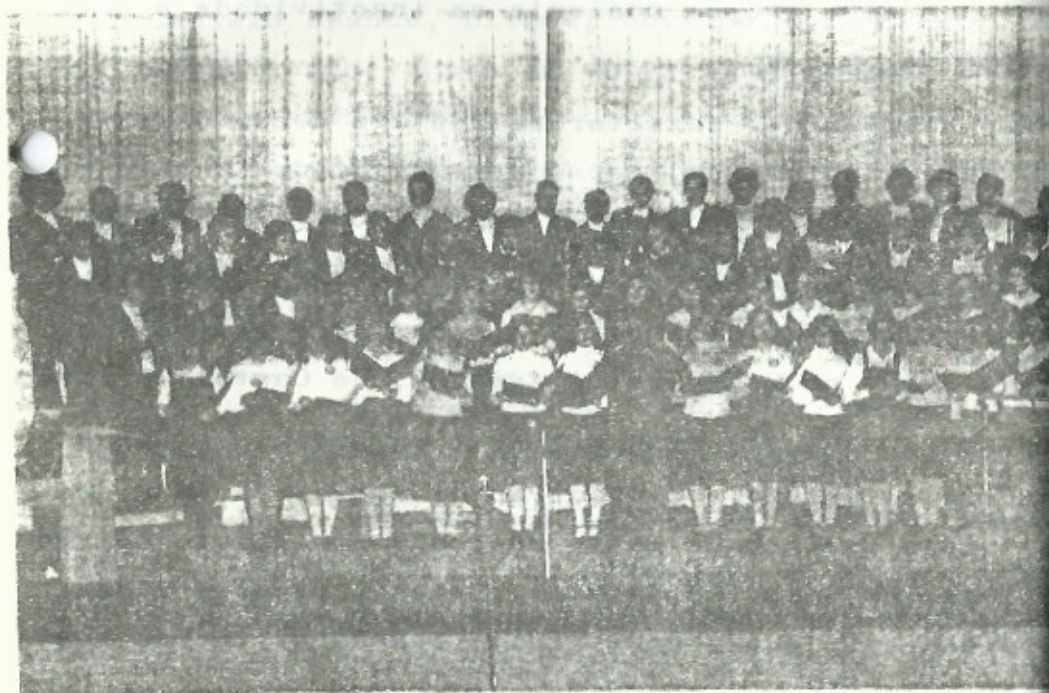
Muitos foram os Maestros, alguns de elevada craveira profissional, que ao longo da carreira já cinquentenária dedicaram o seu melhor esforço ao Orfeão, contribuindo para que a música coral não mais deixasse de ouvir-se nesta cidade serrana.

Como prova do valor artístico desta colectividade, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em 4 de Novembro de 1928, concedia-lhe o Diploma de Sócio de Mérito; dez anos mais tarde, em 17 de Junho de 1938, o governo da Nação agraciou-o com as insígnias de Oficial da Ordem de Benemerência; em 1947, recebia ainda a Medalha de Ouro da Cidade da Covilhã, pelos méritos evidenciados como divulgador da Música e da Arte da nossa terra.

Mas as actividades do Orfeão da Covilhã não iriam limitar-se às coristas, outras têm sido incrementadas por dedicados impulsionadores. Falemos, a propósito, da Secção de Teatro que, entre outros méritos, lhe cabe a responsabilidade da Organização do 2.º e 3.º Festivais de Teatro Amador. Por delegação da Pró-Arte, que foi a mais antiga da Província, muitas foram as figuras célebres do mundo da música que passaram pela Covilhã, semeando o gosto pelo clássico. Ainda neste campo, cabe-nos salientar a Organização dos Festivais Gulbenkian de Música. O Cinema, através do seu cineclube, tem sido uma actividade constante, quer proporcionando cinema de qualidade para os adultos, quer ainda divertindo os mais pequenos com programas infantis.

Porém, o momento mais alto do Orfeão é aquele que mais honra a sua paternidade é o Conservatório Regional de Música da Covilhã. Graças aos esforços da Fundação Calouste Gulbenkian que propiciou e apetrechou umas instalações condignas, e, ainda, devemos salientá-lo, à acção abnegada, quase missionária, diríamos, de um conjunto de professoras que aqui trabalham, é possível contar, neste momento, com cerca de 400 alunos, distribuídos pela Pré-primária, Primária e Aprendizagem musical, esta aos mais variados níveis, quer teórica quer instrumental. Saliente-se o facto de muitos estudantes frequentarem o Conservatório gratuitamente e os outros pagarem preços verdadeiramente populares, o que mais uma vez justifica o seu lema «Pela Arte e Pela Nossa Terra».

Orfeão da Covilhã



PELA ARTE E PELA NOSSA TERRA
FUNDADO EM 16-11-1926

ORFEÃO DE CASTELO BRANCO

A vinda a Castelo Branco duma grande embaixada artística, em 1956, integrando bandas, ranchos folclóricos, orquestra típica e orfeão, alertou a cidade para o ressurgimento dos seus grupos musicais na inactividade e para a criação de outros.

Associações de carácter recreativo deram o seu apoio a tais iniciativas, cabendo ao Clube de Castelo Branco a criação do que hoje é o Orfeão de Castelo Branco.

Completaram-se este ano, no passado dia 22 do corrente, 20 anos sobre a data da 1ª apresentação em público, que teve lugar no Cine-Teatro Avenida, de Castelo Branco.

Proferiu nessa noite memorável - certamente ainda em memória de muitos - o discurso de apresentação a que deu o título de "Renascimento Musical" o distinto beirão etnólogo, Dr. Jaime Lopes Dias. Foi seu regente o Rev. Jerónimo Nogueira e era constituído apenas por vozes masculinas.

Muito embora a cidade tivesse vibrado com a criação e apresentação do Orfeão, não foi fácil fazer integrar nele as vozes femininas (conceitos de outras eras já felizmente ultrapassados)

Em 1964, assumiu a sua regência o actual maestro, prof. Carlos Gama. Em 1968 o Orfeão de Castelo Branco remodelou as suas estruturas vocais, integrando também vozes femininas. A sua apresentação constituiu um facto memorável e teve grande impacto na cidade, podendo mesmo ser considerado um "facto social".

Falar das muitas e brilhantes actuações do Orfeão de Castelo Branco ao longo destes 20 anos seria fastidioso e, assim, enumeraremos as mais significativas que são: participação regular na programação da emissora Nacional, actual RDP, na RTP, Concertos Espirituais em Castelo Branco, Lisboa, Covilhã, Portalegre, Évora e Guarda (onde sempre se apresentam categorizados instrumentistas, cantores e concertistas nacionais e estrangeiros), Intercambios Culturais com o Coro da Universidade de Lisboa, Coral Luisa Todi, de Setúbal e Coral de colaboração nos concertos "Música e Poesia" da extensão tendo sido o iniciador em Portugal dos espectáculos "Encontro com a Ópera" - Traviata de Verdi, com os cantores líricos do Teatro da Trindade, com espectáculos em Castelo Branco, Fundão e Portalegre.

Além de tudo isto, o Orfeão de Castelo Branco dedica especial atenção às actuações em meios menos favorecidos pelos ventos da cultura. Durante este ano, além de outras actuações e por iniciativa do Governo Civil do Distrito de Castelo Branco, tem realizado excursões pelas várias sedes de concelho do distrito.

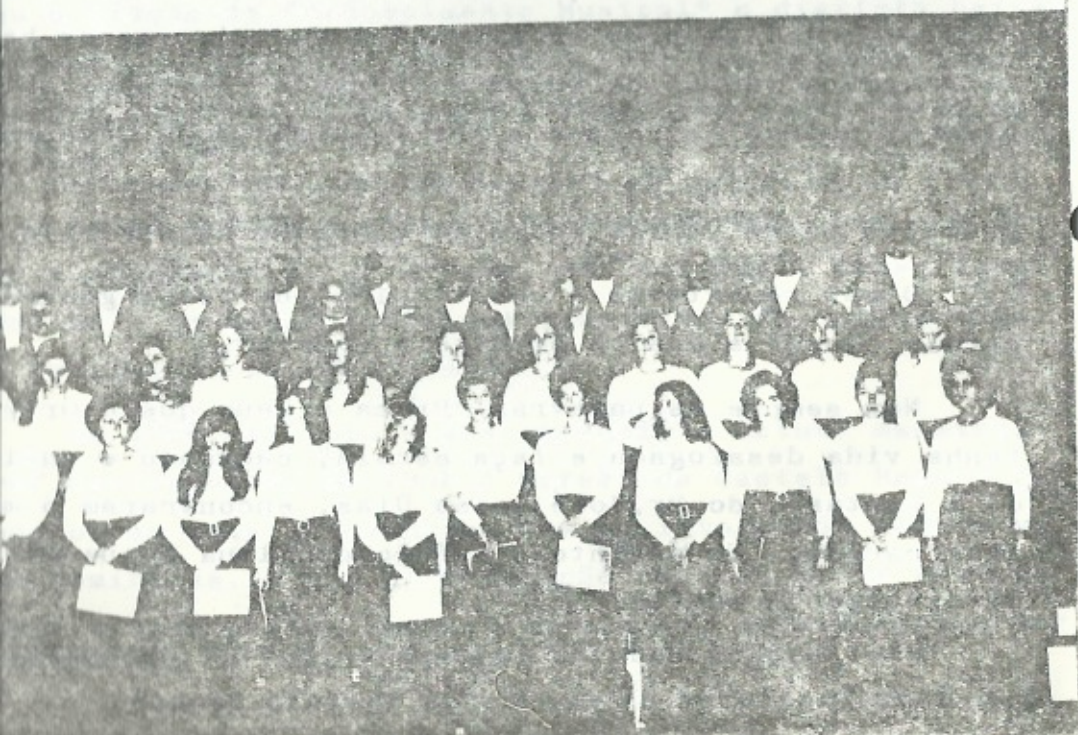
O seu repertório é constituído por todos géneros corais, desde a música erudita à popular.

Nem sempre as palavras "Praza a Deus que o Orfeão tenha vida desafogada e faça escola", cantando e depois de cantar", do Dr. José Lopes Dias, encontraram o melhor carinho. No entanto o Orfeão continua a sua missão de divulgar a música.

DISTINÇÕES: Medalha Doirada de Mérito Municipal e Serviços Distintos da Cidade de Castelo Branco.



Orfeão de Castelo Branco



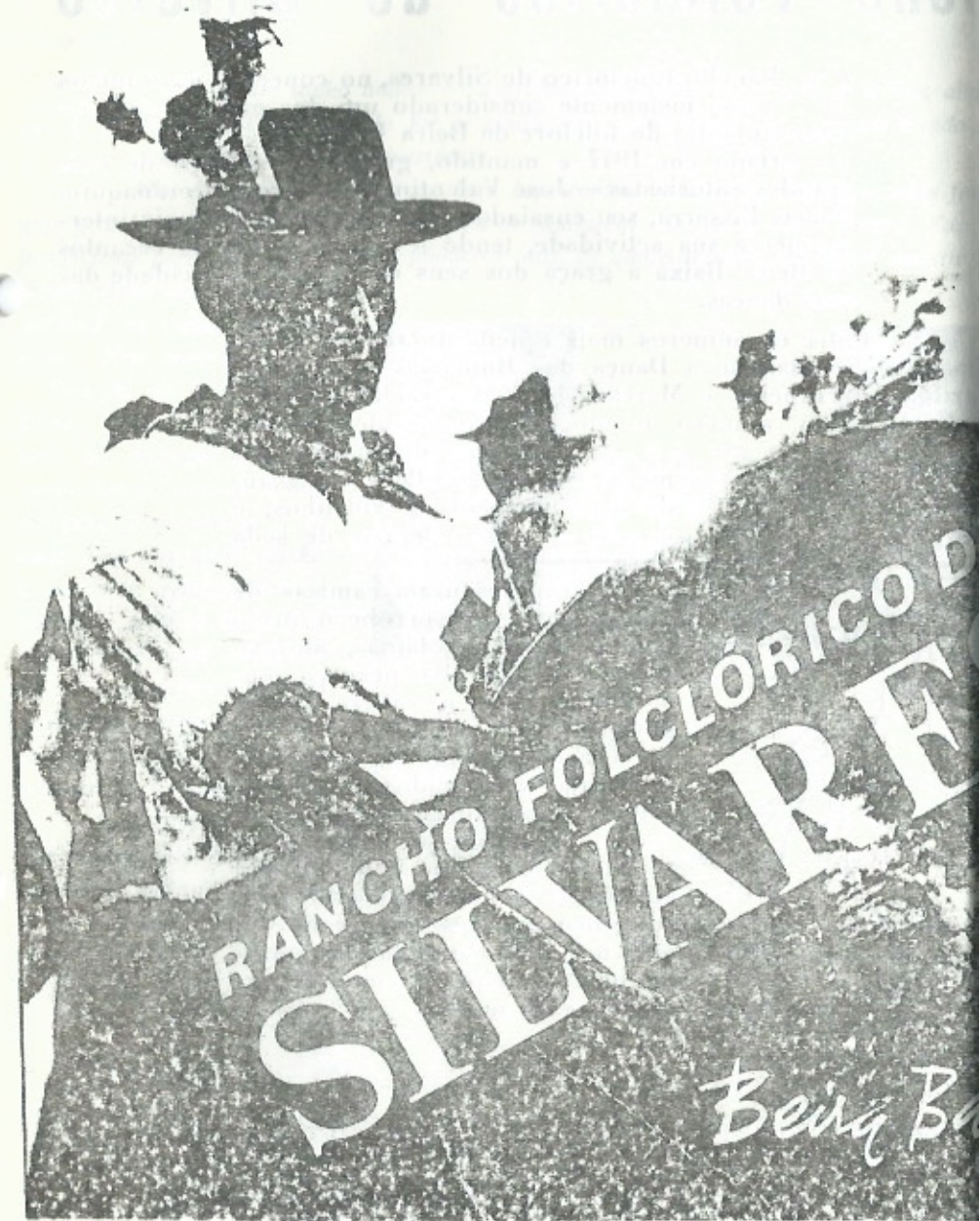
Rancho de Monsanto

O Rancho de Monsanto foi fundado a quando do concurso da Aldeia mais Portuguesa. Até então, as melodias e danças que hoje formam o seu repertório eram interpretadas pelos rapazes que nas suas tocatas noturnas, pelos ganhões e ceifeiros, para amenizar as suas duras fainas e ainda pelos pares que no domingo à tarde rodipiavam no terreiro.

Assim, os organizadores do agrupamento (e aqui tem de se prestar justiça ao relevante papel exercido pelo Sr. Professor Sebastião Carvalho e sua esposa) limitaram-se a dar regularidade aos agrupamentos, esporadicamente formados, por ocasião das festas tradicionais e dos grandes trabalhos da Lavoura.

Também os trajes que os rapazes e as raparigas envergam são as tradicionais vestimentas da aldeia, não existindo propriamente um guarda roupa do Rancho mas servindo-se cada um dos trajes dos seus familiares carinhosamente conservados.

Os seus números mais famosos são a Sr.^a do Almurtão, alusiva à famosa romaria da campina da Idanha, Ó José Embala o Menino, que já deu a volta ao mundo, a Marcelada, É Tão Linda, Papagaio, Olha a Rola, Meu Benzinho, «Balha a Dereto» e sobretudo a Divina Santa Cruz, entoada na celeberrima romaria que tem lugar no primeiro domingo de Maio e na qual se procede ao não menos famoso lançamento dos potes, que comemora o vitelo que atirado ao inimigo salvou a povoação do cílio.



Rancho Folclórico de Silvaes

O Rancho Folclórico de Silvaes, no concelho do Fundão, é mui justamente considerado um dos mais destacados representantes do folclore da Beira Baixa.

Criado em 1947 e mantido, graças ao esforço de dois grandes entusiastas — José Valentim, seu director e Joaquim Duarte Pissarra, seu ensaiador — o Rancho nunca mais interrompeu a sua actividade, tendo levado o todos os recantos da Beira Baixa a graça dos seus cantares e a tipicidade das suas danças.

Entre os números mais típicos do reportório do agrupamento contam-se a Dança das Romarias da Beira, o Rapazito, a Farrapeira, o Marcadinho, o Cadeacho, e sobretudo Santa Luzia, número dotado de grande autenticidade.

As raparigas vestem rigorosamente à época de 1900, destacando-se os bordados e vidrilhos, e usando na cabeça lenços de seda pura.

Os rapazes usam camisas de linho, calças de sorrobeco preto e amarelo, com polainas, alcapão e boca de sino. Ao pescoço, lenço tabaqueiro e na cabeça chapéu de lã ou carapuça.

O acompanhamento musical — a Tocata — é formado por pifaros, caixas, concertinas, ferrinhos, e enormes bombos, que dão uma nota curiosíssima ao conjunto. Há ainda um acompanhamento feito com duas ou tres pedras do rio que um dos componentes entala na mão esquerda e com a direita maneja com mestria.

Actualmente este grupo etnográfico é dirigido pelo Ex.^o Senhor D. Ilídio Valentim Nequeira.



Orquestra Típica Albicastrense

Um válido cartão de visita da cidade e da Beira Baixa

«Tive um dia um sonho lindo» — confidenciou-nos um dia a insigne artista albica Eugénia Lima, quando lhe perguntámos os motivos que a teriam levado a formar a Orquestra Típica Albicastrense.

Mas foi ainda a artista que logo acrescentou: «Castelo Branco recebia festivamente uma grande embaixada cultural e artística de Santarém. O velho Cine Teatro Vaz Pires era insuficiente para acomodar todo o público e nós, os albicastrenses, lá fomos assistir. Umas hante sarau que era preciso retribuir na cidade scalabitanana. Mas como?»...

Pois foi ali que Eugénia Lima, talvez impulsionada pelo seu inegável temperamento beirão, encontrou ânimo para proporcionar à cidade uma das mais válidas e notáveis realizações de sempre. A ideia de formar ela própria uma orquestra típica, tomou forma quando a distinta acordeonista encontrou total apoio no Centro Artístico Albicastrense.



A Orquestra Típica do passado...

Foi, pois, nesta prestigante colectividade de cultura e recreio de Castelo Branco que o sonho de Eugénia Lima teve possibilidades de se tornar uma realidade, que todas as provas de inequívoco carinho, aplaudiram e apoiaram.

Após os indispensáveis ensaios, que a artista sempre orientou, a Orquestra Típica Albicastrense...

...com enorme entusiasmo e extraordinária expressividade fazia a sua estreia. Estávamos em 1950.

Os seus excelentes vestidos e trajes e os homens de Maiorais, as garças envergando e coloridas vestimentas evocativas da Beira Baixa. A própria

**A mais bela paisagem
poético-musical da
Beira-Baixa!**



Lima, que superiormente dirigia a Orquestra, surgia sempre à frente do simpático agrupamento, trajando a rigor o seu traje lindíssimo de Malpiqueira.

Os êxitos foram-se sucedendo sem dificuldade. A Orquestra Típica de Castelo Branco começava a ser a coqueluche de todos os festivais de folclore e, muito particularmente, a melhor embaixatriz do folclore da Beira Baixa.

Eugénia Lima porém, já por demais sacrificada na sua carreira artística, não poderia prosseguir como regente do agrupamento. A sua actividade na vida artística impulsa-lhe, se não o seu afastamento, pelo menos a sua mais reduzida colaboração.

Antes, porém, a O. T. A. ganhava a sua autonomia. Uma sede própria abria-lhe novos horizontes e como organismo de grande prestígio cumpriu contratos em série, a garantir longevidade e projecção.

Serafim Chamusca, que já não se conta no número dos contratados, surgiu então como regente contratado. Dizia-se que a falta de Eugénia Lima seria sentida em todos os aspectos. Foi-o, de facto. A artista criou um estilo inconfundível para a sua orquestra, sendo ainda a sua presença motivo inofensível para o êxito.

No entanto, a Orquestra Típica Albicastrense tinha já o nome escrito em títulos de caixa alta. E, aos poucos, mesmo sem Eugénia Lima, começou a impor-se como cartaz de grande nível, o mesmo que ainda hoje orgulhosamente exhibe, já sob a tutela do Prof. Carlos Gama, um virtuoso da música e uma singular dedicação ao prestigioso organismo, que na sua competência encontrou mesmo motivos de valorização e a certeza da continuidade que se deseja.

Ai, Ai ! A--deus ó Vi---la da I-
 Ai, Ai ! Nun---ca jul---guei que ti-
 da-nha 'Stás for--ma---da num ca--be---ço
 ves-ses Mo---ças de tão al--to pre---ço
 'Stás for--ma---da num ca--be---ço
 Mo---ças de tão al--to pre---ço

Para além de bonitas melodias, a O. T. A. tem sido a mais fiel intérprete do folclore da Beira Baixa, tão original como bem o documenta este trecho.

A Orquestra Típica Albicastrense



BEIRA BAIXA

REGIÃO
DE

TURISMO

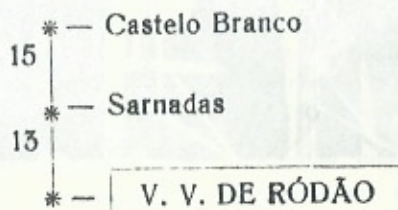
PROVINCIA plena de locais de atracção turística, é sem dúvida a Beira Baixa, a maioria dos quais se encontram esquecidos ou relegados para segundo plano, dado que a nossa Província, em certos casos, é um tanto ou quanto deficiente quanto a vias de comunicação e alojamentos.

No entanto, na maioria, o acesso é fácil e as distâncias entre as unidades hoteleiras, não vão além de umas escassas dezenas de quilómetros.

Província multimoda nos seus aspectos paisagísticos, na riqueza arqueológica de algumas das suas povoações, na diversidade dos seus cantares e danças, na beleza dos seus trajos, hoje infelizmente em grande parte esquecidos, é a Beira Baixa, uma Província que merece ser visitada pelo turista, ávido de novos aspectos e de perspectivas diferentes.

Aqui lhes oferecemos pois, um Roteiro da nossa Província, certos de que o utilizará dentro de muito breve espaço de tempo:

1.º PERCURSO PORTAS DE RÓDÃO



TOTAL 28 Km.

Velhas Tradições

Quando, em volta, se vão pervertendo as modas de bailar e de cantar tradicionais, ressaltam ainda na Beira Baixa as canções arcaicas e as danças velhinhas do seu florilégio que deixam estarecidos os enamorados da Tradição.

Muitas coisas vão perdidas, como os autos do Natal e da Paixão de Jesus, como as Folias, os Impérios e os Jantares do Divino Espírito Santo, muitas coisas se subverteram já no mar encapelado desta vida de hoje, apática ao Passado, insegura no presente e alheia ao futuro. Entretanto alguma coisa se tem feito para salvar o muito que ainda resta do Folclore Beirão, embora a sinceridade dos carolos se tenha oposto a ignorância de outros que vão apalhaçando e adulterando tudo quanto subsiste desta riqueza espiritual da Nação, em carta de um sensualismo vacuo e de piruetas alvares para encanto de paletas e alarves.

Na nossa Beira vive ainda o Culto dos Mortos revelado na saudade, nas encomendações das almas, nos cruzeiros votivos e nas alminhas dos caminhos; estão presentes práticas pagãs nas festas solísticas do Natal e do S. João; praticam-se danças rituais como a Dança das Virgens, da Lousa, talvez oriundas das danças litúrgicas das Vestálias; a deusa Máia preside, no dia de Sta. Cruz, à multidão de «marafonas» que, ao colo de suas donas, vão até ao castelo de Monsanto e deambulam depois de mão em mão, de colo em colo, até poisarem pelas camas de solteiras e casadas, em esperanças da prole tão ardentemente desejada... para o futuro ou para já; o Máio-Menino de Tinalhas, nusiño e cobeço de giestas negrais, parece não ser mais do que vivo presente da deusa Máia; está ainda em uso na Lousa, no dia da festa da Senhora dos Altos Céus, a dança da Farrombana que é afinal uma dança guerreira dos tempos idos onde as capelas sobre as cabeças dos figurantes representam a vitória e os moços

vestidos de virgens aludem às cativas e, em Verdelhos, a Dança das Trancas, com seus figurantes, também coroados com capelas, representa apenas um fim de batalha de guerreiros ibéricos — abundantemente representados uns e outros, os de Verdelhos e os da Lousa, nos bronzes esculpidos do Museu do Prado onde a semelhança de atitudes entre os figurantes das danças e as esculturas ibéricas do museu é flagrante.

Algumas das nossas canções têm ressaibos eslavos como no Lavrador da Arada de Malpica e no Bendito de Mação; outras lembram, no seu desenho melódico de notas brancas e seguidas, as melodias derivadas da flauta de Pã; outras como as de Perais assemelham-se aos cantares árabes que se ouvem nas estações de rádio-difusão marroquinas e outras há que vêm dos motivos do Canto Gregoriano como as Encomendações das Almas e os Martírios da Paixão.

Há quem negue ao Povo poder criador, como se o talento se adquirisse nas escolas, como se o talento não seja um dom de Deus!

A manter-se a negativa, por onde andam ou andaram os poetas e os músicos que fizeram e ensinaram ao Povo os cantares que enchem Portugal de-lés-a-lés e transbordam da Alma Popular, tão copiosamente, como a água das nascentes seranas?

Onde está o músico diplomado, onde estão os poetas insígnies que lavraram as jóias da poesia e da música populares e nelas engastaram as pedrarias que lhes dão altura e riqueza, sublimando-as?

A propósito:

- Quem no meu peito entrou
- Fez a derrota que quiz!
- Levou flor e cortou rama...
- Também levou a raiz!

Esta quadra tão trágicamente fatalista, tão profundamente amorosa, de tão diáfana espiritualidade, é do Cancioneiro Monsantino.

Quem teria sido o seu autor senão o Povo de Monsanto?

Salles Viana



Três variantes do hino da grande romaria do domingo de Pentecostes, a Nossa Senhora da Póvoa, no Val-de-Lobo. A primeira, colhida no local, é a que todos osromeiros cantam, com insignificantes divergências de pormenor. A segunda, colhida a certa distância, tem especial interesse devido a hesitação entre os modos maior e menor. A terceira ouvi-a, executada durante a romaria, na gaita de foles, e deve sem dúvida às limitações daquele instrumento a sua tonalidade modificada.

I Moderato.

Se-nho-ra da Pó-voa, Nos-sa Se-nho-ra da Pó-voa,
 Vos-sa ro-ma - ri - a, Vim a Vos-sa ro-ma-ri - a,
 Bem me po-deis per-do-a - ri, Bem me po-deis per-do-a - ri,
 Só p'ra can-tar e ber-ta - ri, Só p'ra can-tar e ber-ta - ri.

II Moderato.

Nos-sa Se-nho-ra da Pó-voa, Nos-sa Se-nho-ra da
 mo-llam os ves-ti - ti - dos. - Que se mo-llam os ves-
 ti - dos. Mandai sol que quer cho - re - ri,
 ti - dos. Dos fi - eis que Vos vão se - ri,
 Mandai sol que quer cho - re - ri. Fim. Que se
 Dos fi - eis que Vos vão se - ri

III Moderato.



O povo da Beira Baixa sabe exprimir por cantigas as mais curiosas cenas do seu viver, as mais variadas manifestações do seu sentir, e tudo que é vida e sentimento rústico paira nas vozes do cancionero e vem de geração em geração, mensagem de antepassados.

No devocionário cristão do Natal e da Semana Santa, nos cantares de amigo, nas toadas de embalar, nas trovas de mal-dizer, nas canções panteístas e sincopadas dos adufes das romarias, nas *modas* da azeltona, das mondas, das celfas, das regas, das sachas ou das debulhas, — que belas melodias a acompanhar os ciclos das fainas agrícolas, por vezes, de tão pulcra delicadeza, que não receiam confronto com a música expressionista dos grandes Mestres!...

Podemos orgulhar-nos d'isso e de possuir melodias de verdadeiro modo frígio e de outros arcaicos modos gregorianos.

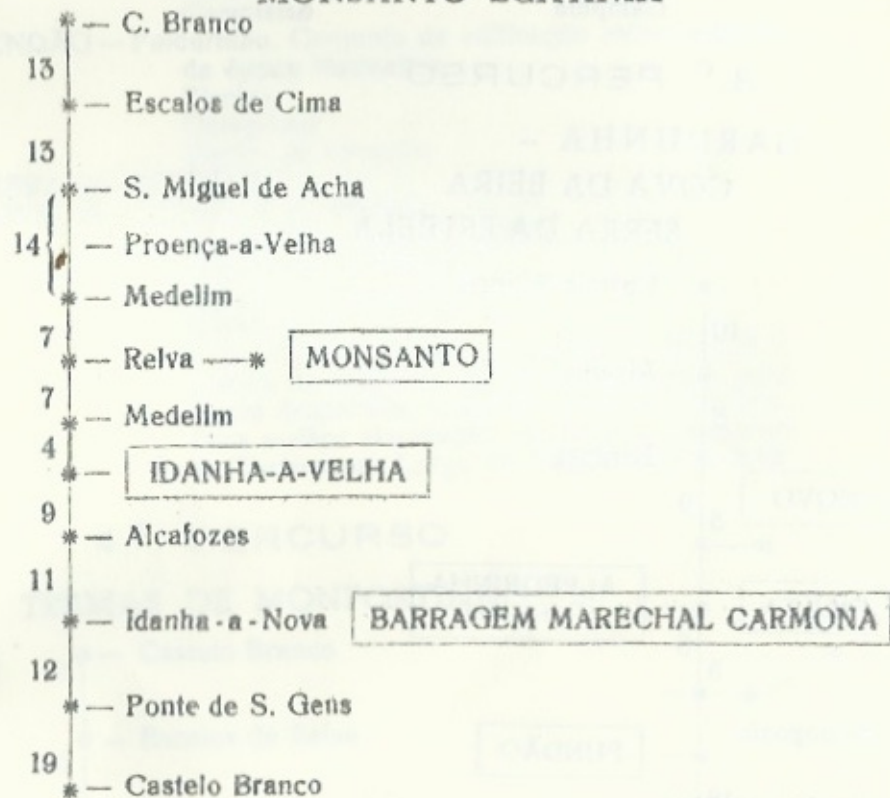
Arte lustral, em que se deve haurir o genuíno sentido da natureza e procurar a via de regresso às fontes cristalinas da inspiração nacional...



Observações:

VILA VELHA DE RODÃO — Panorâmica
Castelo do Rei Wamba
Caldeiradas
Portas de Rodão
Campismo
Pesca desportiva

2.º PERCURSO MONSANTO-EGITÂNIA



TOTAL 109 Km.

Observações:

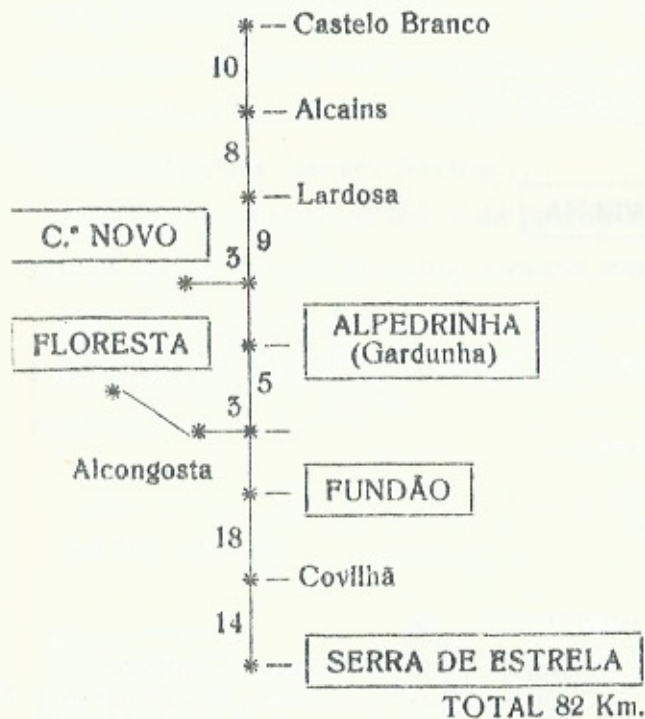
MONSANTO — Aldeia mais portuguesa de Portugal
Digno de visita o Castelo, e muralhas (Séc. (Monumento Nacional)
Trajes regionais característicos
Festa de Santa Cruz — 1.º domingo de M

IDANHA-A-VELHA — A Egitânia dos Romanos
 Ruínas de muralhas romanas
 Museu Lapidar Egitaniense (propriedade particular)
 A Catedral Visigótica

IDANHA-A-NOVA — Barragem « Marechal Carmona »; centro de pesca desportiva
 Romaria da Senhora do Almurtão (2.º Domingo depois da Páscoa)
 Campina

3.º PERCURSO

GARDUNHA -
 COVA DA BEIRA
 SERRA DA ESTRELA



Observações:

CASTELO NOVO — Castelo dos Templários
 Parque do Alardo
 Alto da serfa
 Campismo

Centro de veraneio
 Janelas Manuelinas
 Casa da Câmara e Pelourinho (Monumento Nacional)

ALPEDRINHA — Pelourinho (Monumento Nacional)
 Chafariz de D. João V (Monumento Nacional)
 Capela de Santa Catarina: Renascença (Mon. Nacional)
 Rica colecção de paramentos na Igreja Matriz
 Palacete do Séc. XVII: em ruínas
 Centro de veraneio
 Parque de Jogos e Piscina
 Campismo

FUNDÃO — Pelourinho. Conjunto de edificação características da época Manuelina
 Piscina
 Campismo
 Centro de veraneio

SERRA DA ESTRELA

COVILHÃ — Capela de S. Martinho
 Capela de S. João de Malta
 Penhas da Saúde (Hotel)
 Nave de Santo António
 Cântaros
 Poço do Inferno etc. etc. Pousada do S. N. I.
 Centro de desportos de Inverno, único no país.
 Pesca desportiva. Campismo. Abrigo na Torre.
 Para melhor elucidação consultar a Comissão de Turismo no Largo do Pelourinho, Covilhã.

4.º PERCURSO

TERMAS DE MONFORTINHO



TOTAL 72 Kms.

DANÇAS E CANTARES DA BEIRA BAIXA



COLISEU

SÁBADO — DIA 25 DE JUNHO